

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

PODER CÍVIL E RELIGIOSO EM SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Weverton José dos Santos Lima (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/Paranavaí, wevertonlima63@hotmail.com
Marcos Roberto Pirateli (Orientador)
Unespar/Paranavaí, marcospirateli@hotmail.com

Palavras-chave: João Crisóstomo. Antiguidade Tardia. Cristianismo.

INTRODUÇÃO

A transição do Mundo Antigo para o Medieval foi marcada pela ascensão do cristianismo e pelas profundas transformações sociais e culturais que essa religião provocou em grande parte do mundo mediterrâneo e que alcançou proporções universais. Todo esse processo foi se consolidando ao passo que o cristianismo e a Igreja conquistaram espaço legal com a conversão do Imperador Constantino no século IV e posterior consolidação como religião oficial do Império por Teodósio em 380.

A Igreja, enquanto instituição oficial, assumiu o poder no fim da Antiguidade. E, por conseguinte, os integrantes do clero passaram a desejar tal poder. Os bispos da alta hierarquia assumiram a magistratura das cidades, e o poder civil antes atrelado ao paganismo passou então a serviço da Igreja. A nova ordem social passou a ser controlada segundo os interesses dos líderes cristãos, que orientaram e conduziram os homens no mundo tardo antigo. Consolidando assim a Igreja como instituição formadora dos valores religiosos, sociais, morais entre outros. (SOTOMAYOR, 2005).

Na medida em que, o cristianismo foi se consolidando como religião oficial, teve de enfrentar divergências internas, entre seus próprios membros. Podemos observar essa luta interna em vários eventos históricos, entre eles a relação da corte imperial de Constantinopla e o bispo da cidade João Crisóstomo (? – 407).

É importante dizer que as teses de Crisóstomo têm marcas importante para a História. Dessa forma a presente pesquisa visou colaborar com a História e a Historiografia da Antiguidade Tardia ao fazer um estudo do pensamento cristão e das relações entre os poderes civil e religioso.

O pensamento de João Crisóstomo foi tomado como histórico, elaborado para responder aos problemas de seu tempo; seu vigor depende da subsistência das relações sociais que o moldaram. Compreende-se a base da história intelectual ou teológica como decorrente da estrutura social, e não como simples sistema de ideias.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Assim, a investigação privilegiou as homilias reunidas em *Da incompreensibilidade de Deus* e no tratado *Da providência de Deus* e os *Comentários às Cartas de Paulo* de São João Crisóstomo.

Desta volumosa produção literária, aqui entendida como fonte histórica, foram selecionados os tratados acima mencionados, e que foram publicados no volume 23 da coleção ‘Patrística’ da Editora Paulus, em 2007, com tradução coletiva do Mosteiro Maria Mãe do Cristo. A primeira delas, *Da incompreensibilidade de Deus*, é composta por cinco homilias; a segunda, *Da providência de Deus*, é um tratado em vinte e quatro capítulos.

Em linhas gerais, essas duas fontes,

Têm em comum uma necessidade pastoral e o fundamento teológico. Joao Crisóstomo preocupa-se em apresentar, por meio de abundantes argumentos filosóficos e bíblico-teológicos, o caráter absoluto da transcendência divina e as consequências doutrinárias e morais dessa fé (ROGRIGUES, 2007, p. 12).

Além destes, dos inúmeros comentários às cartas paulinas, selecionamos a sua 23^a homilia sobre a carta aos romanos (que trata sobre a universalidade e ortodoxia da Igreja) e a 11^a homilia sobre a carta aos efésios (que trata das relações entre os poderes civil e religioso). Ambas as fontes embora repletas de conceitos referentes à santificação do homem e da transcendência divina, revelam um João Crisóstomo preocupado em estabelecer a diferenciação dos poderes civil e religioso diante da nova realidade do Império.

PERSPECTIVA TEÓRICA

Para iniciar a exposição da ideia que defendemos nesse artigo é preciso começar por situar o marco temporal ao qual nos referimos. Sendo assim, partiremos da compreensão do que é/foram Antiguidade e Antiguidade Tardia, sendo esta última o foco desse trabalho.

É possível interpretar que a Antiguidade foi um conceito criado/construído por um determinado movimento europeu (Humanismo e Renascimento) para atender a uma necessidade de dividir a história geral do mundo em períodos distintos, acredita-se que numa tentativa de facilitar o seu estudo e compreensão. A Antiguidade enquanto uma criação visa definir para um determinado momento da História suas características, definição espacial e temporal além de estabelecer sua lógica. (PIRATELI, 2015)

Como todo estudo Histórico, o processo pelo qual os historiadores definiram o conceito de Antiguidade não foi concebido por acaso, mas por uma ampla reflexão e estudo, ele demandou muita investigação, análise de fontes e interpretação das mesmas. Aqueles que criaram o conceito de Antiguidade, intérpretes de outro momento, precisaram por meio de todo esse processo descrito acima “imaginar” ou interpretar como aconteceram os fatos históricos desse período ao qual hoje chamamos de Antiguidade. Eles precisaram analisar suas particularidades, costumes, modo de vida, organização

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

política entre outros, pois cada característica em particular, ao se unirem em torno de uma única delimitação temporal e espacial formaram a Antiguidade.

Algo que vale a pena ressaltar é que cada historiador faz seu próprio recorte da História de acordo com suas necessidades, potencialidades ou até mesmo pela preferência pessoal. Dentro desse pressuposto, a Antiguidade também é um recorte histórico de um determinado momento e um determinado espaço (geográfico). Não foi possível, ou não foi de interesse no momento em que se definiu o conceito de Antiguidade, que tal definição se preocupasse em contemplar a história antiga do mundo inteiro, uma vez que o Renascimento foi o criador do termo/conceito de Antiguidade, e seus pensadores se preocuparam em uma História Antiga do seu mundo. Portanto é muito comum que ao estudar a Antiguidade nos encaminhemos direto para a Europa em especial a cidade de Roma e ao seu império e também ao mundo grego, uma vez que a Tradição literária chamada de Clássica estava escrita principalmente em grego e latim. (PIRATELI, 2015).

A Antiguidade uma vez compreendida por meio de sua Tradição Clássica pode ser vista como um período de muita erudição, de acontecimentos marcantes como o surgimento do cristianismo que durante grande parte desse período lutará pela sua legitimação diante das religiões oficiais que existiam na época. Pode ser compreendido também como um período de construções arquitetônicas muito belas e uma produção literária rica: “A denominada Antiguidade e sua tradição clássica são recortes e conceituações úteis, pois se baseia em uma tradição intelectual rica em termos humanos [...]” (PIRATELI, 2015, p.113).

É de fundamental importância ressaltar que o termo da Antiguidade e a definição do seu conceito não é tarefa fácil, vários autores a interpretam de forma diferente e hoje já se tem uma visão muito mais ampla sobre esse período com os grupos de estudo que começam a se interessar pela Antiguidade que supera a delimitação espacial europeia e também do modelo social greco-romano. É então indispensável que se entenda que a Antiguidade foi um conceito criado pelos Renascentistas e diz respeito a um determinado espaço temporal e geográfico e sua interpretação se deu por meio das fontes (documentais, monumentais, arqueológicas, entre outras) e da capacidade do historiador em analisar os fatos e então escrever uma História da Antiguidade ou uma História Antiga.

Mediante essa breve reflexão sobre a compreensão do termo *Antiguidade*, entramos agora na análise da *Antiguidade Tardia*. Esse conceito, também é uma invenção e foi desenvolvido para combater a ideia de decadência do mundo antigo por se situar em um período pós-clássico na Grécia e em Roma.

Após o século XVIII, as teorias do ‘declínio’ predominaram na historiografia, pelo menos até os anos 50 do século XX e, em síntese, definiram o fim do Mundo Antigo como uma decadência a partir de, basicamente, dois fatores conjugados: cristianização (ou universalização de um populismo cultural) e barbarização (ou destruição da tradição clássica) (PIRATELI, 2015, p.115).

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Visando combater essa visão de decadência aplicada à Antiguidade Tardia, uma nova definição do seu conceito tinha como objetivo demonstrar que o que realmente acontecia era um processo de transformação social, de mudanças no “mundo antigo”, a partir da ascensão cristã e dos vários eventos que culminaram com uma grande transformação e necessidade de redefinir as estruturas políticas e sociais. Temos nesse período um momento de grande importância para o Cristianismo que alcançou sua legitimação por parte do imperador Constantino (século IV) e deixou de ser considerada uma expressão religiosa, digamos, ilegal.

O conceito de Antiguidade Tardia por sua vez também enfrenta uma problemática de singularidade entre os autores que escreveram sobre o período, podendo citar entre eles S. Mazzarino; H. Marrou; A. Momigliano e P. Brown. Alguns a consideram um período à parte da Antiguidade, outros por sua vez, a consideram o último estágio da mesma e ainda tem os que como dito anteriormente viam esse momento histórico como decadente por romper com as tradições clássicas.

Uma forte característica da Antiguidade Tardia é o “*Cristianismo*”, com sua expansão e oficialização, que sem dúvida modificou toda a estrutura do mundo Antigo, sua total reorganização foi necessária e a fusão de culturas é evidente, embora deixemos bem claro que o cristianismo não é uma cultura, ele se apropria das mais variadas culturas. (PIRATELI, 2015).

Por mais que seja um conceito complexo (conforme a teoria que se empregue para o definir) e/ou controverso (ao passar a impressão de que esse período histórico é algo desconexo com a Antiguidade), “é válido inferir que a Antiguidade Tardia está na Antiguidade, tem sua lógica dentro da lógica do mundo antigo [...]” (PIRATELI, 2015, p.133). Posto isso, se conclui que a Antiguidade Tardia é um momento particular dentro do contexto da Antiguidade e não um período isolado e cheio de preconceitos a cerca de sua “inferioridade e decadência”.

Segundo argumentaram Gilvan Silva e Norma Mendes:

Desse modo, os autores concluem que o fim do Mundo Antigo não pode e nem deve ser visto como um período de decadência, queda ou declínio, mas sim de surgimento de novas concepções religiosas e estéticas, de novas invenções e técnicas artísticas que exercem uma inegável influência sobre as sociedades posteriores. Todas essas transformações se encontram sintetizadas no conceito de Antiguidade Tardia, o qual visa a expressar a especificidade de um mundo marcado pela fusão da cultura pagã clássica com os valores cristãos [...]. (SILVA; MENDES, 2006, p.195).

Em face disso, pensamos o período como fim da Antiguidade, e não devemos analisá-lo como decadência, pois deve ser investigado com elementos próprios que o caracterizam como *Tardio*, um período de transformação e o surgimento de um “novo mundo” que misturava elementos mantidos do período clássico e acrescentava novos elementos moldando então a cultura e organização desse novo mundo, dessa nova maneira de viver. A Igreja a partir desse momento ganha um prisma de protagonismo na sociedade, ela vai ser responsável por civilizar esse novo mundo. A ideia de universalidade de todo o império passa à Igreja e a mesma se expandirá cada vez mais. (PIRATELI, 2015).

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Todas essas informações que já trabalhamos sobre Antiguidade Tardia nos fazem considerar que esse período é algo particular com suas características próprias e sua importância no estudo da História, todas as transformações que aconteceram durante o período *Tardio* tiveram um local responsável por sua formação, a Igreja.

Consideramos, assim, que tanto a Antiguidade quanto a Antiguidade Tardia são conceitos criados pelos historiadores e estudiosos europeus, tendo suas particularidades e sua lógica própria. A primeira atende a um período maior e a segunda está inserida dentro do contexto anterior correspondendo ao período final, mas não devendo ser considerada como algo inferior ou decadente, e sim como um momento particular dentro da História Antiga.

CONTEXTO HISTÓRICO

Uma vez compreendido os conceitos de *Antiguidade* e *Antiguidade Tardia*, concentramo-nos no contexto histórico do período Tardo Antigo do século IV ao século V, na região em que viveu S. João Crisóstomo, ou seja, as localidades de Antioquia e Constantinopla, locais de grande importância do Império Bizantino.

O período Tardo Antigo ou segundo alguns autores o Baixo Império Romano foi caracterizado por uma série de transformações que começaram a acontecer desde o século III com Diocleciano e que se intensificaram ainda mais com o governo de Constantino. Tais transformações como já ditas anteriormente afetaram o mundo romano de forma que as estruturas sociais até então existentes começaram a ser alteradas. Essas alterações procuravam reestruturar o Estado romano para que se adequasse a nova realidade.

Atrelado a todas as transformações na estrutura política, social, ideológica e econômica do Império, vê-se a ascensão do cristianismo que marcou de forma profunda esse período de transformações sociais.

A solidificação do cristianismo como religião oficial do império romano acontece quando o Imperador se declara cristão, fazendo com que a sociedade o acompanhe. A partir dessa nova realidade com que o império vai se cristianizando o modo de organização social também vai se alterar e de forma bem drástica, a religião que outrora foi perseguida passa agora a receber cargos, implementar leis entre outras coisas. Podemos dizer que há uma fusão entre Estado e Igreja.

O respeito, os favores que mereceu a religião cristã da parte do governo imperial não são da parte deste simples atitude, hipócrita ou interessada. Revela ele um esforço real para penetrar de espírito cristão a estrutura das instituições, a vida mesma do mundo romano (DANIÉLOU; MARROU, 1984, p.326)

Inicia-se com isso uma nova era para o Império Romano e também para os cristãos. A igreja com o respaldo do governo agora está diretamente ligada ao Poder civil e o poder civil diretamente

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

ligado ao poder religioso. A Igreja passa a regular as formas de conduta social, terá influências na economia e até mesmo no que diz respeito ao aparato militar do império.

Em meio a todo esse processo de transformações do mundo antigo compreende-se nesse período aquilo que se passou a se chamar de “*Idade de Ouro dos Padres da Igreja*”, tempo no qual “foi então que viveram os maiores entre os escritores e pensadores da antiguidade cristã, e isto no Oriente grego e no Ocidente latino, quase todos os *maiores doctores* que veneramos numa e noutra igreja” (DANIÉLOU; MARROU, 1984, p.307).

Desse contexto privilegiamos S. João Crisóstomo, que nasceu entre os anos de 345 e 354. Ele nasceu em meio a uma família provida de recursos e recebeu uma educação excelente desde sua infância, era preparado para exercer carreira nos ofícios da chancelaria imperial. Em 381 Melécio o permite chegar ao diaconato e mais tarde Flaviano, sucessor de Melécio o concede o cargo de sacerdote em 386. Suas pregações na igreja de Antioquia fascinava o povo que lhe concedeu o nome de “Boca de Ouro” (MALINGREY, 2002)

Diante de sua influência entre o povo e mediante a morte de Nectério bispo de Constantinopla em 397, o imperador convoca João Crisóstomo para ser sagrado em 26 de fevereiro de 398 como o novo Bispo de Constantinopla. A partir desse fato começamos a analisar o Poder Cívil e Religioso em S. João Crisóstomo. Uma vez que as novas atribuições como bispo e as mazelas da vida na corte de Constantinopla fizeram João Crisóstomo conhecer uma nova face do mundo no qual estava inserido.

PODER CIVIL E RELIGIOSO

João Crisóstomo foi um grande expoente do processo de cristianização do mundo tardo antigo e uma importante figura para a Igreja. Antioquia sua cidade de origem foi o *locus* onde Crisóstomo desenvolveu por primeiro seu trabalho de evangelização, usando-se da sua autoridade enquanto eclesiástico para cristianizar não só as pessoas, como também cada espaço da cidade.

O processo de apropriação/dominação de tudo que antes era “pagão” ou judaico visava modificar as estruturas de uma sociedade até então praticante de outras crenças, para uma sociedade que passava a ter no cristianismo a religião dominante e respaldada pelo poder civil do imperador Constantino. Nesse contexto podemos dizer que:

Os dilemas enfrentados pelas autoridades eclesiásticas para dessacralizar os espaços religiosos e lúdicos controlados por pagãos e judeus, para multiplicar, na paisagem, as epifanias cristãs e para disciplinar as relações de sociabilidade que tinham lugar no cotidiano ressaltam do *corpus* homilético de João Crisóstomo, um orador profundamente comprometido com o processo de cristianização da vida urbana (SILVA, 2010 p.15).

João Crisóstomo que recebeu o adjetivo de “boca de ouro” ficou conhecido dessa forma justamente pela sua excelente homilética, capaz de arrastar multidões para onde fazia seus discursos. Por meio de suas homilias Crisóstomo usava do poder religioso que lhe fora conferido para cristianizar

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

o pensamento e as ações de seus seguidores/ouvintes. Por meio de suas falas procurava expor sempre a superioridade do poder divino sobre as coisas terrenas, pois segundo ele: “Temos de crer que a revelação de Deus é mais fidedigna que as coisas visíveis” (*Da providencia de Deus*, 1,6).

Como o cristianismo estava em seu momento de consolidação, sua argumentação teve o objetivo de convencer as pessoas sobre aquilo que a Igreja defendia. No entanto, João Crisóstomo sabia da realidade de tal sociedade e do seu processo de transformação, sabia da necessidade de convencer que o que dizia era o correto e não aquilo que se praticava anteriormente (consideradas pelo cristianismo como práticas pagãs). Com isso Crisóstomo disse o seguinte “Desta forma, a fim de não sofrerem tal castigo, vamos, comecemos a corrigi-los explicando-lhes primeiro a causa desta doença” (*Da providência de Deus*, 1,6). Com essas palavras, João Crisóstomo procurou convencer as pessoas sobre a ideia de que estavam impregnadas com práticas e costumes errados que precisavam ser corrigidos por meio da nova religião.

As homilias de Crisóstomo significaram um verdadeiro sucesso de conversão aos que o ouviam e logo despertou o desejo da corte de Constantinopla em possuir pregador de tamanha capacidade nos redutos de seu poder. E foi exatamente com a morte do bispo Nectério em 397 que o imperador de Constantinopla viu a oportunidade de nomear Crisóstomo como o novo bispo da cidade em 398.

Ao iniciar seu bispado na cidade de Constantinopla, Crisóstomo se deparou com várias ações, leis, entre outras coisas, que desagradavam, ou melhor, dizendo que feriam os princípios cristãos, então iniciou uma série de homilias e ações visando denunciar as mazelas da corte. Suas pregações se voltaram para as grandes ambições dos governantes, os pecados “mascarados”, a injustiça/desigualdade social, a exploração dos pobres. Conseqüentemente isso despertou o descontentamento da corte, de membros do clero e do imperador que por meio de um conselho decidiram por destituir Crisóstomo do cargo de bispo de Constantinopla e o mandar para o exílio. (MALINGREY, 2002).

Visto isso podemos perceber mais uma vez a relação intrínseca entre o poder civil e religioso, ao nomear Crisóstomo como bispo, visando usar e sua ótima influencia em seu favor, a corte e o alto clero de Constantinopla não podiam imaginar que ele usaria de seu poder e influência contra eles próprios. Sendo assim rapidamente se faz necessário minimizar os impactos e os problemas causados por Crisóstomo à corte de Constantinopla. Os bispos e nobres realizam uma convenção e acabam por exilá-lo.

Com efeito, há duas espécies de divisão do corpo eclesiástico. Uma, quando a caridade se esfria; a segunda, porém, se ousamos cometer atos que nos tornam indignos do corpo. De ambos os modos nos separamos daquela plenitude. Se nos foi confiada a tarefa de edificar o próximo, não edificamos, mas somos os primeiros a dividir, o que não sofreremos? Nada tanto divide a Igreja, como a ambição do poder. Nada irrita tanto a Deus quanto o cisma na Igreja. Mesmo que tenhamos praticado inúmeras boas obras, se dilacerarmos a Igreja em seu todo, não padeceremos de penas menores do que os que dividem seu corpo. De fato as primeiras foram feitas para o lucro de toda a terra, embora não com esta intenção; a divisão não tem

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

utilidade em parte alguma, mas prejudica muito (*Comentários às cartas de São Paulo*, 11ª homilia, 16).

Nesse excerto fica evidente o ataque que Crisóstomo faz aos ambiciosos por poder, considerando ser isso um dos maiores maus dentro da Igreja. Aqueles que detinha poder civil e também o religioso usam de tal poder na maioria das vezes com intenções de benefício próprio e não com intuito de evangelizar. Para Crisóstomo tamanha ambição pelo poder causava um cisma na igreja, prejudicando dessa forma a unidade e força da instituição.

A Igreja detentora do poder religioso muitas vezes foi influenciada pelo poder civil, uma vez que tal relação era tão tênue, podendo nos fazer refletir que tais poderes muitas vezes não se distinguiam e sim se entrecruzavam. Crisóstomo defendia a unidade da Igreja para que a mesma exercesse a função de ser formadora de uma sociedade cristã.

No entanto, havia uma grande ambição de poder por parte do próprio clero; os membros do corpo eclesial que passara a comandar as estruturas de domínio das cidades “disputavam” entre si o poder. Podendo-se compreender que aqueles que contassem com maior apoio político, influências ou até mesmo dinheiro, garantiriam seu lugar de poder e prestígio. Ou seja, fazendo tudo que Crisóstomo tanto criticava em suas homilias. Ele relatou a situação da seguinte maneira:

Quando vires a Igreja dispersa, sofrendo as piores provas, expulsos os que nela ocupam um lugar destacado, batidos com varas, exilado para longe o que preside, não pondera somente as tribulações, e sim o que delas resulta: o salário, a recompensa, o prêmio do combate e da luta (*Da providencia de Deus*, 9,6).

Crisóstomo pode ser considerado como um grande crítico aos abusos de poder praticados pela Igreja e pelo corpo eclesial assim que a mesma alcançou respaldo do império. Em suas homilias sempre buscou denunciar as mazelas que a princípio poderiam passar despercebidas, mas que em muito influenciavam a realidade da igreja e a vida de seus seguidores. Embora fosse um dos grandes críticos da ambição pelo poder, o próprio Crisóstomo era detentor de uma considerável influência e consequentemente detinha um certo poder religioso, uma vez que, era bispo da cidade mais importante do Império Bizantino. Contudo, é possível perceber que as ações de Crisóstomo eram as de um religioso que sofrera com a ambição de poder e de interesses próprios, tendo seu trabalho em Constantinopla interrompido por conta daquilo que pensava ser uma sociedade cristã “ideal” e respaldada nas sagradas escrituras. “Se os dogmas são os mesmos, se idênticos os mistérios, por que motivo um chefe estranho se introduziu noutra Igreja? Vede, replicam, que o âmbito todo dos cristãos está cheio de vanglória? Quanta ambição de poder, impostura?” (*Comentários às cartas de São Paulo*, 11ª homília, 16). Nesse trecho evidenciam-se mais uma vez as indagações e críticas de Crisóstomo quanto à ambição do poder. Relatando-se aos cristãos como sendo cheios de vangloria, ação esta que os tornam almas afastadas de Deus uma vez que a busca incessante pelo poder os impede de desenvolver ações concretas de evangelização, ou melhor, de cristianização, que Crisóstomo considera como essencial para a vida da nova sociedade que está se formando.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Em certo ponto pode-se dizer que a assimilação do poder pela religião faz com que a Igreja perca ou deixe de lado o componente original de cristianização e passe para a dominação eclesial. Ou seja, tudo passava pelo crivo das autoridades cristãs detentoras do poder que muitas vezes se misturava entre civil e religioso. Além disso, viu-se uma vertente em que o cristianismo era praticamente forçado àquela sociedade, uma vez que o poder conferido à instituição (Igreja Católica) respaldava as ações. No entanto, Crisóstomo argumenta que: “Pois, não cessarei de repetir: impossível é impor esse tratamento por força e coação, quando o doente acaso se opõe e não aceita os ensinamentos divinos” (*Da Providência de Deus*, 1,5).

Crisóstomo, na condição de grande influente de sua época e de sua religião, e consciente de sua condição, tratou de propagar seus ideais por onde ele passava, mesmo sendo exilado e cada vez mais levado para longe a fim de ser “calado”. Entrou para o rol da “Era de ouro dos Padres da Igreja” não por qualquer motivo. Seus escritos são uma importante fonte histórica para entender o processo de estruturação da nova sociedade que se formava no império Bizantino do período *Tardo Antigo*.

Crisóstomo considerava então o poder como algo destrutivo para a Igreja, uma vez que a cobiça por possuí-lo desvirtuava os corações e as intenções daqueles que o detinha, concluindo que:

O detentor do poder era um “mistério da impiedade”, conforme denominou Paulo. Entregava-se ao mal sob todas as suas formas e era dotado de suma maldade. No entanto, não prejudicou nem à Igreja, nem àqueles homens cheios de nobreza, mas fê-los mais ilustres. Quanto aos sacerdotes judeus, eram tão perversos e malvados, que Cristo recomendou ao povo que se precavesse de imita-los (*Da providencia de Deus*, 20,2).

Ao comparar os detentores de poder a pessoas impiedosas e dotadas de suma maldade, podemos concluir que Crisóstomo os entendia como uma “doença” no corpo da Igreja ou da sociedade, uma vez que esse poder poderia ser tanto o civil quanto o religioso. No aparato civil, compreender a estrutura do poder ajuda-nos a entender a forma em que aos poucos a nova sociedade Bizantina se formava, como estava se organizando, passando a acrescentar em suas leis, práticas, costumes entre outras coisas, o pensamento cristão. A relação de dominação dos imperadores se pautava nesse poder civil e regido pela cultura e ideologia ainda com resquícios do modo de pensar clássico.

No entanto, com a busca recorrente da cristianização e aproximação do poder religioso para com o civil, esses resquícios tendem a ser superados no decorrer do tempo. Algo interessante a ser considerado também é a apropriação de determinadas culturas ou modo de agir característicos da sociedade pré-cristã pela própria Igreja, fazendo com que dessa maneira a assimilação por parte dos recém convertidos fosse mais fácil.

Novamente voltamos a dizer que a relação poder civil/religioso é uma relação intrínseca e que em determinados momentos se tornam interdependentes, sendo até mesmo difícil traçar uma delimitação. Essa nova sociedade é sem dúvidas a sociedade regida pela união dos dois poderes,

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

fundamentando o Império Bizantino como um império pautado na religião cristã, embora isso não fosse algo considerado oficial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa proporcionou a reflexão e interpretação de um momento de suma importância para a história do Império Romano e todo o mundo ocidental do período *Tardo Antigo*, Baixo Império ou *Antiguidade Tardia*, a partir da perspectiva de São João Crisóstomo que evidenciou em seus escritos e também em sua vida a relação existente entre o poder civil e religioso do século IV e V.

Por meio dos estudos e daquilo que foi escrito ao longo desse texto é possível dizer que a Antiguidade Tardia foi um período de transformações sociais que alteraram profundamente a estrutura do maior Império existente na época e que posteriormente culminaram em seu fim. Como principal expoente desse processo de transformações, a ascensão do Cristianismo e a conversão do Imperador Constantino a essa religião, fato esse que fez com que toda a sociedade romana, “pagã” até então vivenciasse um processo de cristianização.

É justamente nesse sentido de cristianização que São João Crisóstomo se torna uma importante peça para a Igreja, pois através de sua homilética convincente ele foi responsável por arrastar multidões em Antioquia, Constantinopla e várias outras localidades do Império. Com sua dedicação ferrenha pela evangelização do povo ele se dispôs com grandes detentores de poder, tanto civil quanto religioso, que fizeram o possível para calar ou minimizar a repercussão do “Boca de Ouro”.

Crisóstomo evidencia em *Da providência de Deus e incompreensibilidade de Deus* a forma como os poderes civis e religiosos se relacionavam de forma interligada. Denunciou enfaticamente o abuso de poder e a forma como a má utilização e a ambição pelo poder, principalmente por parte dos próprios membros do corpo eclesial, causavam um cisma na Igreja, desviando-a do foco originário de evangelização.

Crisóstomo, na condição de bispo da Igreja, detinha certo poder religioso, o qual utilizou também para interferir de forma civil, uma vez que o contexto da Igreja na época era de cristianizar o Império e ele era um dos grandes pregadores e evangelizadores da região de Constantinopla. No entanto, o poder que Crisóstomo detinha ameaçava o poder e a “moral” de membros do clero e da corte de Constantinopla, o que fez com que ele se tornasse uma vítima de tal poder e morresse no ano de 407 na condição de exilado.

Por fim, ficou evidente que a relação do poder civil e religioso da Antiguidade Tardia dos séculos IV e V, sob a perspectiva de São João Crisóstomo, era de total ligação e interdependência. Ambos caminhavam lado a lado e um objetivava legitimar o outro. Dessa forma a Igreja “defendia” o

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Estado, e este legitimava a Igreja. Essa relação foi de fundamental importância para que o Cristianismo se expandisse de forma a alcançar grande parte do mundo ocidental.

REFERÊNCIAS

DANIÉLOU, Jean; MARROU, Henri. **Nova História da Igreja: dos primórdios a São Gregório Magno**. Petrópolis,RJ: Vozes, 1984.

JOÃO CRISÓSTOMO, Santo. **Comentário às Cartas de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2007. (Patrística, 27). 2 vols.

JOÃO CRISÓSTOMO, Santo. **Da incompreensibilidade de Deus**. São Paulo: Paulus, 2007. (Patrística, 13).

JOÃO CRISÓSTOMO, Santo. **Da providência de Deus**. São Paulo: Paulus, 2007. (Patrística, 13).

MALINGREY, Anne-Marie. João Crisóstomo. In: DI BERARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 761-763.

PIRATELI, Marcos Roberto. **A Igreja como locus ideal de formação na problemática antidonatista de Santo Agostinho**. 266 folhas. Tese (Doutorado em Educação e Estudos Clássicos) - Universidade Estadual de Maringá / Universidade de Coimbra. Orientadores: Dr. José Joaquim Pereira Melo e Dr^a. Paula Cristina Barata Dias. Maringá/Coimbra, 2015.

RODRIGUES, Maria Paula. Introdução. JOÃO CRISÓSTOMO, Santo. **Da incompreensibilidade de Deus**. São Paulo: Paulus, 2007. (Patrística, 13). p. 9-14.

SILVA, Gilvan Ventura da. A Cartografia do Sagrado no fim do Mundo Antigo: João Crisóstomo e a cristianização de Antioquia. **Revista Notandum**, Ano XIII nº 24, p.5-20. São Paulo/Porto: Editora Mandruvá, 2010.

SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco. Diocleciano e Constantino: a construção do *Dominato*. In: _____. (orgs.). **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória,ES: EDUFES, 2006.

SOTOMAYOR, Manuel; UBIÑA, José Fernández. **Historia del Cristianismo: el mundo antiguo**. Granada: Editorial Trotta, 2005.